

---

## PARA ALÉM DOS MUNDOS COMPOSSÍVEIS: A INCOMPOSSIBILIDADE COMO A REALIDADE DO ACONTECIMENTO

### BEYOND COMPOSSIBLE WORLDS: INCOMPOSSIBILITY AS THE REALITY OF THE EVENT

Carlos Henrique Machado <sup>1</sup>

**Resumo:** Se para Leibniz um único mundo possível repele os outros mundos possíveis, impossíveis em relação a eles, veremos que a noção de acontecimento formulada por Gilles Deleuze faz convergir os impossíveis e os possíveis em um único mundo cuja realidade é marcada pela ininterrupta passagem de uma dimensão virtual para uma atual. Pretendemos verificar de que forma, no pensamento de Deleuze, articulam-se a impossibilidade e a possibilidade num plano de imanência onde se estendem as singularidades e onde se efetuam as individuações que efetivam as relações diferenciais em termos de qualidades e partes saídas de uma profundidade virtual de um caos infinito que continua a pressionar o estado de coisas. Pretendemos descrever como o acontecimento é o ato que irá dar consistência às impossibilidades que interpenetram um único e mesmo mundo e como a partir dessa realidade o indivíduo não possui limites fixos, mas vizinhanças que permitem as séries impossíveis coexistirem virtualmente às suas atualizações, como móveis transitórios e suscetíveis de combinações inauditas.

**Palavras-chave:** virtual; possíveis; impossíveis; caos; acontecimento.

**Abstract:** If for Leibniz a single compossible world repels the other possible worlds, impossible in relation to them, we will see that the notion of event formulated by Gilles Deleuze makes the impossibles and compossibles converge in a single world, whose reality is marked by the uninterrupted passage from a virtual to the actual dimension. We intend to verify how, in Deleuze's thought, impossibility and compossibility are articulated in a plane of immanence where singularities extend and where individuations are carried out that effective differential relations in terms of qualities and parts that emerge from the virtual depth of an infinite chaos that continues to press on the state of affairs. We intend to describe how the event is an act that will give consistency to the impossibilities that interpenetrate a single and same world and how, based on this reality, the individual does not have fixed limits, but neighborhoods that allow the impossible series coexist virtually with their updates, such as transitories mobiles susceptible to unprecedented combinations.

**Keywords:** virtual; compossible; impossible; chaos; event

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em filosofia pela FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-mail: [petrus166@gmail.com](mailto:petrus166@gmail.com)

## Introdução

Leibniz, já no século XVIII, pensava o mundo atual como um dentre um número infinito de mundos possíveis existentes na mente de Deus, que criou o universo em que estamos e atualizou um desses mundos possíveis, o melhor dentre todos eles. Leibniz precisava dar conta de responder um problema da teologia cristã, que era da existência do mal. Se Deus existe e é onipotente, como é possível que haja mal no mundo, uma vez que ele poderia ter criado um mundo sem mal? De acordo com Leibniz:

A sabedoria de Deus, não contente em abarcar todos os possíveis, penetra-os, compara-os e pesa uns em relação aos outros para estimar seus graus de perfeição ou imperfeição, o forte e o fraco, o bem e o mal; ela, inclusive, vai mais além das combinações finitas e faz uma infinidade de infinitos, ou seja, uma infinidade de séries possíveis de universos, donde cada uma contém uma infinidade de criaturas. Por esse meio, a sabedoria divina distribui todos os possíveis, que já havia examinado separadamente, em outros tantos sistemas universais que, todavia, compara entre eles: o resultado de todas essas comparações e reflexões é a escolha do melhor entre todos os sistemas possíveis que a sabedoria faz para satisfazer plenamente a bondade que é precisamente o plano do universo atual (LEIBNIZ, 1969, p. 253).

Pensando o mundo criado como o melhor mundo possível dentre uma infinidade de outros, Leibniz sustenta que a existência de algum mal é necessária para criar um todo bom. E para que um todo bom exista, Deus permite que o mal exista. Deus possui um entendimento infinito que o permite escolher entre todos os mundos possíveis o melhor deles, que é o que efetivamente existe. Mas, afinal, o que são mundos possíveis e de que maneira eles existem?

Borges, em seu conto *O jardim das veredas que se bifurcam*, fala-nos de um espião do império alemão, Yu Tsun, que está a fugir de seu inimigo, o comandante Madden, mas que precisa dar a conhecer o nome da cidade onde está localizado o novo parque de artilharia britânica. Para tanto, segue até Ashgrove para encontrar Stephen Albert, que possui uma casa que está localizada no centro de um labirinto em forma de jardim, cujo avô de Yu Tsun, Ts'ui Pen, construíra. Ts'ui Pen escrevera um romance, que foi dado a conhecer, agora, a Yu Tsun, que fica intrigado com o que lê num fragmento de carta deixado por seu avô. “Deixo aos vários futuros (não a todos) meu jardim de caminhos que se bifurcam” (BORGES, 2009, p. 88). Ele descobre, então, que esse jardim é, na verdade, o romance em sua forma não linear de contar histórias. No romance, ao invés de se optar por uma alternativa diante das diversas com

as quais se confronta, opta-se, simultaneamente, por todas e passa-se a criar, deste modo, diversos futuros, diversos tempos, que também proliferam e se bifurcam.

Fang, digamos, tem um segredo; um desconhecido chama à sua porta; Fang decide matá-lo. Naturalmente, há vários desenlaces possíveis: Fang pode matar o intruso, o intruso pode matar Fang, ambos podem salvar-se, ambos podem morrer etc. Na obra de Ts'ui Pen, todos os desfechos ocorrem; cada um é o ponto de partida de outras bifurcações (BORGES, 2009, p. 89).

Deleuze, em *A dobra, Leibniz e o barroco* (1988), irá relacionar o conto de Borges à forma como Leibniz trabalha com essas séries a partir de um modo de fazer coexistir mundos em que as séries de eventos divergem. Ao pensar o conjunto de possíveis a partir de sua dimensão infinita das séries que se prolongam ilimitadamente em suas variações infinitesimais, Leibniz proporá que Deus escolheu entre uma infinidade de mundos possíveis o melhor mundo possível onde as séries convergem. As séries que convergem em um determinado mundo seriam chamadas de compostíveis, enquanto as séries que divergem em outros mundos, em relação àquele tido como compostíveis, apontam uma infinidade de mundos possíveis que serão, portanto, impossíveis. Deus escolheria, então, entre uma infinidade de mundo possíveis o melhor, ou o que tem mais realidade possível. Partir-se-ia, deste modo, do mundo como se parte de uma série de inflexões ou de acontecimentos a exemplo de uma emissão de singularidades. No ponto onde as séries divergem teríamos bifurcações que multiplicam a divergência através de ilimitadas séries que se desdobram. A pretensão de Deleuze, em linha ao que nos propõe Borges com o seu jardim das veredas que se bifurcam, é tomar as séries como o conjunto de infinitas possibilidades que coexistem a partir das variações e trazê-las para um só e mesmo mundo em sua realidade. A solução passaria, então, por relacionar as séries a uma totalidade virtual ou a um nó de tendências onde as séries divergem e não param de se desdobrar para além de qualquer contradição no processo de sua atualização no tempo do acontecimento.

Deleuze já atinara na décima sexta série de *A lógica do sentido* (1967) que a compostibilidade estaria relacionada com a individuação, no sentido que ela definiria o plano onde as singularidades são efetuadas e fixadas a partir de uma repartição “conforme a qual se prolonga ou se estende em uma direção determinada sobre uma linha de pontos ordinários” (DELEUZE, 1994, p.113). Na perspectiva da compostibilidade, um mundo se constituiria, então, uma vez que as séries fossem convergentes. Caso estas divirjam, outro mundo

começaria na vizinhança dos pontos em que as séries começam a divergir. Um mundo compossível, envolveria um sistema infinito de singularidades selecionadas por convergência, quando da individuação, que neste sentido, seria a atualização de singularidades pré-individuais.

É a partir da prerrogativa de que Deus pudesse trazer à existência todos os mundos impossíveis em vez de escolher o melhor, como proposto no labirinto de Ts'ui Pen em suas séries divergentes, que Deleuze irá chegar à distinção do mundo expresso por um conjunto individuado e o mundo das singularidades que preside a constituição dos indivíduos.

Vimos que o mundo era uma infinidade de séries convergentes, prolongáveis uma nas outras, em torno de pontos singulares. Assim, cada indivíduo, cada mônada individual expressa o mesmo mundo em seu conjunto, embora só expresse claramente uma parte desse mundo, uma série ou mesmo uma sequência finita. Disso resulta que um outro mundo aparece quando as séries obtidas divergem na vizinhança das singularidades (DELEUZE, 2009, p. 104).

### **Compossibilidade, impossibilidade e individuação**

Esse movimento das singularidades às formas que as relacionam indica a existência de um equilíbrio metaestável entre um *contínua* de singularidades e sua passagem às formas individuadas, onde os mundos impossíveis tornam-se variantes de uma mesma história. “Não nos encontramos mais diante de um mundo individuado constituído por singularidades já fixas e organizadas em séries convergentes, nem diante de indivíduos determinados que exprimem esse mundo” (DELEUZE, 1997, p. 118). Não estaríamos mais diante de predicados analíticos a operar a descrição de indivíduos, mas sim de predicados que definem sinteticamente a abrir diferentes mundos como possibilidades diversas. Aquilo que fixa as singularidades num mundo individuado, segundo Deleuze, seria o princípio de individuação. Deleuze toma emprestado de Simondon, no seu texto *Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológica* (1966) a descrição do movimento de passagem do pré-individual ao indivíduo. De um sistema de equilíbrio metaestável ao plano das singularidades fixadas no indivíduo. Tal sistema seria composto de singularidades no máximo de sua energia potencial, potências díspares que não se relacionam a não ser por vizinhança e que só a partir da individuação entrarão em comunicação. Assim, distinguir-se-ia as singularidades da

individualidade, sendo o metaestável definido como um equilíbrio perfeitamente provido de singularidades que se relacionam por vizinhanças, resolvendo-se na individuação. Como afirma Simondon:

A individuação deve, então, ser considerada como resolução parcial e relativa, manifestando-se num sistema que abriga potenciais e que abrange certa incompatibilidade relativamente a si mesmo, incompatibilidade feita de forças de tensão como da impossibilidade de uma interação entre termos extremos das dimensões (SIMONDON, 2020, p. 16).

No texto que teve origem na apresentação frente a Sociedade Francesa de Filosofia, conhecido como *O método de dramatização* (1967), Deleuze indica que a individuação procederá, portanto, estabelecendo uma comunicação interativa entre as potências díspares, atualizando a energia potencial a partir da integração das singularidades, organizando uma dimensão na qual elas formam um novo conjunto de formas compatíveis. O processo de individuação seria o movimento de singularidades diferenciadas, dinamismos espaço-temporais que funcionariam como agitações no espaço e no tempo, puras sínteses de velocidades, de direções e ritmo, que seriam diferenciadas em qualidades e partes. Esses dinamismos suporia um campo intensivo como condição da experiência de individuação, povoado de intensidades puras envolvidas numa profundidade, num *spatium* intensivo que preexiste a toda qualidade assim como a todo extenso. As singularidades se abrem na intensidade da diferença onde um diferenciador reporta o diferente ao diferente numa série que se bifurca a cada salto. Na individuação, essas diferenças passam a se comunicar numa série convergente a partir da saturação do sistema que irá gerar as qualidades e as partes saídas de uma profundidade inextensa e informal.

Num sistema metaestável temos as singularidades pré-individuais num conjunto de relações diferenciais em determinação recíproca que na individuação irão se diferenciar e se prolongar na especificação e na partição, na qualificação de uma espécie e na organização de um extenso. Aí Deleuze faz uma distinção entre as relações das singularidades e as da individuação através da atribuição dos verbos *différentiation* e *différenciation*, que podem ser traduzidos como diferenciação e diferenciação. A diferenciação indicaria o estado das relações diferenciais como multiplicidade virtual, enquanto a diferenciação comportaria a atualização

dessa multiplicidade a partir do momento em que estas relações diferenciais se encarnam em qualidades e partes.

A intensidade é diferença, mas esta diferença tende a negar-se, a anular-se no extenso e sob a qualidade. É verdade que as qualidades são signos e fulguram no desvio de uma diferença; mas, precisamente, elas medem o tempo de uma igualização, isto é, o tempo gasto pela diferença para anular-se no extenso em que ela é distribuída (DELEUZE, 1988, p. 358).

Deleuze irá explorar a individuação como a passagem de uma dimensão intensiva e virtual para uma dimensão extensiva atual. A realidade virtual seria dada por relações diferenciais e distribuições de singularidades que se atualizam por diferenciação, estabelecendo a comunicação entre os díspares. O campo pré-individual é virtual e constituído de relações diferenciais que se atualizam na individuação. Nesse ponto, Deleuze irá apelar para os conceitos de possível e de impossível em Leibniz, onde o que definiria cada um deles seria a convergência e a divergência entre as séries de singularidades. Sendo assim, o melhor dos mundos possíveis exprime sua compossibilidade compreendendo um máximo de relações sob a condução do máximo de convergência das séries. A impossibilidade, por sua vez, surge quando as séries obtidas convergem.

É que as singularidades do mundo servem de princípio para a constituição de individualidades: cada indivíduo envolve um certo número de singularidades e exprime claramente as relações entre elas, fazendo-o em relação ao seu próprio corpo. Assim sendo, o mundo exprimido preexiste virtualmente às individualidades expressivas, mas não existe atualmente fora dessas individualidades que o exprimem de próximo em próximo (DELEUZE, 2006, p. 138).

Ao conceber que o mundo expresso preexiste virtualmente às individualidades expressivas, as impossibilidades são trazidas para dentro do mundo, já que sua realidade está além do mundo possível. É a partir dessa observação que Deleuze conduz sua argumentação quando ele relaciona os impossíveis, ou o conjunto das séries possíveis que existem ao serem crivadas, para que dele se extraia diferenciais capazes de se integrarem em percepções regulares. Assim, o caos de impossíveis que compõem ao infinito séries de todo e de partes, só nos parece caótico, segundo ele, por não sermos capazes de segui-lo ou concebê-lo em forma de qualquer ideia. Assim, Deleuze irá propor trazer os impossíveis para dentro do mundo através do acontecimento.

### **O acontecimento como crivo de séries divergentes**

O acontecimento produzir-se-ia em uma multiplicidade caótica, intervindo nela como uma espécie de crivo. Com o acontecimento é dada a consistência de uma extensão às intensidades através de individuações que irão relacionar as disparidades de um sistema metaestável. Essa consistência, portanto, mantém o potencial dessa realidade metaestável uma vez que “as extensões não param de se deslocar, ganhando e perdendo partes levadas pelo movimento; as coisas não param de se alterar; mesmo as pressões não param de entrar e sair de compostos variáveis” (DELEUZE, 2009, p. 137). Essa noção de acontecimento irá relacionar a realidade em sua dimensão virtual e atual, sempre como uma passagem que nunca se esgota, e a partir da qual o impossível está sempre sendo trazido para o mundo, com todas as suas bifurcações e coexistências. A dimensão atual reúne os potenciais díspares e os faz se comunicar entre si, no acontecimento, que em sua dimensão metaestável carrega a virtualidade dos objetos eternos como o conjunto das possibilidades que possuem o estatuto de realidade, aquela que, segundo Deleuze, corresponderia à fórmula de Proust: *reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos*.

Assim, diferentemente da ideia de Leibniz, na qual as bifurcações, as divergências de séries constituem a fronteira entre mundos impossíveis entre si a partir do instante em que as mônadas vêm incluir integralmente o mundo possível, Deleuze irá propor que as bifurcações, as divergências, a impossibilidade e os desacordos pertençam ao mesmo mundo, que não podem estar incluídos em unidades expressivas, mas que se fazem e se desfazem ininterruptamente através de uma individuação que mantém o potencial do expresso de um sistema metaestável. Se o crivo retira do caos as formas individuadas a partir das convergências de um mundo possível, esse mesmo acontecimento, como um ato de individuação intensiva, mantém uma abertura entre o virtual e o atual. Por isso, o acontecimento seria uma propriedade daquilo que Deleuze, juntamente com Guattari, chamariam de plano de imanência; realidade que mantém, por um lado, uma abertura que se comunica com o virtual e outra por onde os impossíveis invadem as formas atuais. O acontecimento é o crivo que dá consistência ao caos. O caos, segundo Deleuze, seria o conjunto dos possíveis onde se exerceria a pressão do virtual. O virtual torna-se consistente sobre um plano de imanência que corta o caos. Deleuze chama o plano de imanência de

acontecimento, que segundo ele efetua atualizações, mantendo “uma parte sóbria e secreta que não para de se subtrair ou de se acrescentar à sua atualização (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 202). O plano de imanência seria esse corte no caos que age como um crivo. “O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 59). No caos se estendem a heterogeneidade das determinações, uma vez que elas não se relacionam, pois quando uma aparece como esvanecente a outra desaparece como esboço. Sistema metaestável onde as determinações agem no máximo de sua energia potencial e coexistem sem se relacionar.

O jogo do mundo mudou singularmente, pois tornou-se o jogo que diverge. Os seres estão esquartejados, mantidos abertos pelas séries divergentes e pelos conjuntos impossíveis que os arrastam para fora, em vez de se fecharem sobre o mundo possível e convergente que expressam de dentro (DELEUZE, 2009, p. 140).

De acordo com Leibniz, um Deus que pudesse admitir contradições, como por exemplo a de Adão-pecador e Adão não-pecador, e que pudesse trazer à existência todos os possíveis, mesmo os impossíveis, só poderia ser um Deus trapaceiro, tal qual o vagabundo de Maurice Leblanc numa impostura onde já não havia regras. É assim que Deleuze recorre ao romance de Leblanc, *La vie extravagante de Baltazar*, no qual o personagem principal, um professor de filosofia para quem tudo era ordinário, órfão, estava sempre à procura de seu pai. Possuía ele três singularidades: suas próprias impressões digitais, as letras MTP tatuadas em seu peito e a revelação de uma vidente, que dissera estar seu pai sem cabeça. A partir daí o conto se desenrola, tendo Baltazar sido posto sempre diante de uma combinação que indicaria a identidade de seu pai. Ora um conde que, degolado, tinha feito Baltazar seu herdeiro num documento que traz as impressões e descreve a tatuagem, ora Baltazar é interceptado por um bando cujas iniciais formam MTP e cujo antigo chefe, guilhotinado, reclamava-o como filho. Depois de ser sequestrado por um inglês que o entrega a um paxá e este é logo decapitado, e seu filho desaparecido, Mustafá (MTP), tinha as mesmas impressões. No fim, ele é salvo por um poeta cuja divisa é Mane Thecel Phares, que o reivindica como filho, mas que perde a cabeça num acesso de raiva e mata um vagabundo.

Não seria possível que Baltazar fosse filho de todos esses pais ao mesmo tempo, a não ser pela trapaça que foi descoberta no fim. Não é possível se chegar à identidade quando as séries divergem. O vagabundo assassinado teria em seu poder, em um pensionato, quatro crianças ricas, mais a sua. Depois de uma inundação, ele já não sabia qual das cinco crianças restava. Tornou-se então alcoólatra e tendo também perdido a cabeça, enviou aos quatro pais das crianças as marcas das impressões do sobrevivente e o signo da tatuagem, para persuadi-los de que se tratava do filho do destinatário. Pelo critério da convergência de Leibniz, só poderia haver uma única série que reuniria os pontos convergentes como sua compossibilidade.

Suponha que, se as séries divergentes pertencem ou divergem ao mesmo mundo, naquela época, o verdadeiro Deus de Leibniz, ele passa para o lado dos poderes do falso. Que história! Felizmente, podemos dizer a nós mesmos: não, não é possível, e não é possível que as séries divergentes pertençam ao mesmo mundo! Não ... sim, sim ... Não ... (DELEUZE, 1983, s/p).

Só a partir das noções de indecidibilidade do acontecimento Deleuze permite que as séries divergentes pertençam ao mesmo mundo, sem fazer de Deus um trapaceiro. Somente o tempo do acontecimento garantirá a consistência das séries divergentes, na coexistência de todos os mundos virtualmente possíveis que garantem a sua realidade. O acontecimento como a passagem do virtual para o real põe em xeque a forma de verdade e a busca pela identidade, que absolve o vagabundo da trapaça. Desvirtua-se, assim, a adequação entre o possível e o real mantendo a tensão das séries impossíveis que, através do acontecimento como uma passagem ininterrupta entre o virtual e o atual, mergulha qualquer escolha na indecidibilidade. Na sua trapaça, em meio à sua embriaguez, o vagabundo nem mesmo sabia qual teria sido a criança sobrevivente, fazendo da verdade mais uma questão do acaso, ou de um lance de dados, do que a adequação do real a uma identidade prévia. Sua trapaça está relacionada a uma adequação que continuará indefinida face ao conjunto de possibilidades que se mantêm em sua série divergente. A coexistência de séries divergentes em um mesmo mundo implica admitir a infinidade de possibilidades que se bifurcam em um mesmo mundo caótico onde multiplicam-se as determinações, “com seu desfraldar de séries divergentes no mesmo mundo, com sua irrupção de impossibilidades na mesma cena, ali onde Sexto viola e não viola Lucrecia, onde César atravessa e não atravessa o Rubicão, onde Fang mata, é morto e não mata nem é morto” (DELEUZE, 2009, p. 141). Há um princípio das determinações enlouquecidas que permite a dissonância de acordos não resolvidos em uma totalidade a partir

de conjuntos impossíveis que as arrastam para fora sem se fecharem sobre o mundo possível e convergente. O que se faz circular nessa dimensão coexistente não mais supõe qualquer tipo de identidade que se apresente atualizada em sua convergência, mas o que importa aqui é que os elementos se repartam em um espaço aberto onde se torna impossível a identificação de um único sentido, sendo inútil escolher uma única direção se fixando a ela. A impossibilidade se constitui na medida em que ela não apela a um único sentido e por ela tomam-se sempre vários sentidos ao mesmo tempo em suas múltiplas direções. A linha que regulariza em um sistema convergente cada ponto singular que recebe dá lugar a uma linha sempre em fuga, que salta de uma singularidade a outra. Ela terá de lidar de um lado com os dois sentidos ao mesmo tempo de um devir-louco e imprevisível e de outro lado como o não-senso da identidade perdida. A enchente que misturou as crianças diante do vagabundo de Leblanc impediu que fosse possível apelar para a identidade do sobrevivente e a sua fórmula esgota qualquer possibilidade, mantendo a tensão das séries impossíveis. Ela mantém a “indiscernibilidade das duas direções e da infinita subdivisão dos dois sentidos em cada direção sobre a estrada bifurcante” (DELEUZE, 1994, p. 82). Uma coexistência de sentido que sempre implicará num ponto singular de grau zero, que sobre uma linha ordinária estará a todo o tempo por vir e ao mesmo tempo tendo já passado.

Uma coexistência das séries em um mundo que não se limita àquilo que vem a ser individuado em uma expressão determinada só pode ser pensada por Deleuze a partir da prerrogativa de que a infinidade de possibilidades exista virtualmente primeiro em relação aos indivíduos que a expressa. Por isso, Deleuze afirma que Deus criou não o Adão pecador, mas o mundo em que Adão pecou. Neste mundo, o que temos é um infinito de possibilidades como uma realidade onde coexistem as séries. Qualquer especificação já supõe uma individuação onde as séries convergem e onde se estabelecem os limites para um cálculo infinito de possibilidades pré-individuais. A individuação faz prolongar sobre uma série de pontos ordinários, limitados por uma regra de convergência, as singularidades que são expressas e que não se confundem com sua expressão. A expressão se relaciona ao individuado enquanto o que é expresso é feito de relações diferenciais e de singularidades adjacentes. “Vemos que o continuum de singularidade é completamente distinto dos indivíduos que o envolvem em graus de clareza variáveis e complementares: as singularidades são pré-individuais” (DELEUZE, 1994, p. 115). Se o mundo expresso existe senão nos

indivíduos, ele subsiste como acontecimento nas singularidades que o constituí. Segundo Deleuze, estaríamos diante de singularidades-acontecimentos que permitem percorrer toda a extensão das vizinhanças expressas sempre no infinitivo. A atualização do indivíduo corresponde a seus predicados analíticos que refletem as misturas variáveis de onde são selecionados para então aparecer a partir de uma determinação de uma proposição que os limita em cada aparição por sua descrição.

Não nos encontramos mais diante de um mundo individuado constituído por singularidades já fixas e organizadas em series convergentes, nem diante de indivíduos determinados que exprimem este mundo. Encontramo-nos agora diante do ponto aleatório dos pontos singulares, diante do signo ambíguo das singularidades, ou antes diante do que representa este signo e que vale para vários desses mundos e, no limite, para todos, para além de suas divergências e dos indivíduos que os povoam (DELEUZE, 1994, p. 118).

Teríamos aí não mais predicados a operar descrição de indivíduos, mas predicados que definem sinteticamente quando abrem diferentes possibilidades como variáveis reunidas em sínteses disjuntivas. Tais sínteses se expressam no acontecimento como um puro expresso que traz junto a ele o conjunto infinito de possibilidades como as singularidades podem ser agenciadas. A importância dessa abertura que nos dá acesso às singularidades móveis e intercambiantes é que ela nos permite entrar em contato com as instâncias notáveis que estão sempre a sinalizar mudanças, transformações e inovações. “As singularidades são pontos de concentração que se destacam dentro de um continuum, distribuindo ressonâncias pela circunvizinhança até a região de uma outra singularidade” (SALES, 2015, p. 34 e 35). A mobilidade das singularidades de séries coexistentes permite que elas se desloquem, redistribuam-se, transformem-se umas nas outras sempre prontas a mudar no conjunto de suas vizinhanças. A toda série compossível subjazem singularidades que se distribuem em infinitas direções de um nó de tendências que atravessa o acontecimento. O acontecimento redistribui os pontos singulares, dá a eles um novo arranjo, ramifica-os e os fazem passar de uma série a outra. O acontecimento habita um plano por onde as singularidades atravessam de um lado para o outro e que corta a dimensão atual numa abertura que permite uma individuação que mantém a tensão

das potências virtuais implicada num nó de tendências a se atualizar. Por isso, as singularidades são partículas nômades sempre a migrar de uma dimensão a outra através de um acontecimento que as atualizam como um crivo, efetuando uma distribuição ininterrupta

de séries heterogêneas por uma multidão de trajetos em um espaço aberto que compreende um fundo obscuro, um oceano onde tudo se dissolve, um caos infinito.

### **Considerações finais**

O problema que atravessa a constituição do acontecimento como um vaso comunicante que permite a ininterrupta ultrapassagem do virtual para o atual é, segundo Deleuze, como a força para ir sempre mais longe, para produzir alguma coisa de novo. O melhor dos mundos possíveis sob o crivo do acontecimento é aquele em que se produz o novo, aquele que tem uma capacidade de novidade, de criatividade. A partir daí é importante notar o modo como o acontecimento assume para Deleuze o sentido de fluxo, ou daquilo que não para de se deslocar, não para de entrar e sair de compostos variáveis. O mundo atual da permanência precisaria se encarnar no fluxo como uma ininterrupta passagem que está sempre pronta a produzir uma imprevisível novidade. É essa dimensão provisória que Deleuze irá incluir na constituição das mônadas em Leibniz, substâncias simples, sempre atuais, que remetem à virtualidade que atualizam e ao potencial virtual que permeia as substâncias compostas. No crivo do acontecimento passam tanto as séries que convergem na atualização quanto as séries que divergem em sua virtualidade, como um rio sem fundo, superfície ou margem, sempre a correr, num fluxo perpétuo, com partes aí entrando e daí saindo continuamente. A coexistência de séries é permitida a partir desse corte que o plano de imanência efetua no caos, comunicando o virtual e o atual. É através dessa abertura que as bifurcações, as divergências, a impossibilidade e os desacordos passam a pertencer a um mesmo mundo que é feito de configurações variáveis e cambiantes, onde até Deus deixa de ser um ser responsável por comparar mundos e escolher o melhor possível, transformando-se em processo que ao mesmo tempo afirma as impossibilidades que atravessam todas as suas dimensões.

Deleuze e Guattari chamam a realidade que sai do caos virtual de estado de coisas. Massas variáveis que operam uma mistura e que determinam uma singularidade à medida que entram em coordenadas e são tomadas em relação. “É que o estado de coisas atualiza uma virtualidade caótica, carregando consigo um espaço que, sem dúvida, deixou de ser virtual, mas mostra ainda sua origem e serve de correlato propriamente indispensável ao estado”

(DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 198). Assim, não se pode separar o estado de coisas do potencial do qual ele opera. A partir daí as séries infinitas se desdobram por todo o processo, perdem e ganham variáveis e estendem as singularidades até a vizinhança de todas as outras séries, quer sejam elas convergentes ou divergentes. O acontecimento se constitui a partir do modo em que ele individua as séries no campo que ele forma com o potencial. Simondon já tinha destacado essa propriedade da individuação, considerando que ela era uma resolução parcial. É possível supor que o devir é uma dimensão do ser ou que ele corresponda à capacidade do ser em se desfazer em relação a si mesmo. Tal defasagem caracterizaria uma passagem de um estado a outro com aumento ou diminuição de potencial. Por isso o acontecimento reúne componentes heterogêneos e os faz comunicar por zonas de indecidibilidade onde cada bifurcação é um salto de singularidades em uma ordem infinita. As ultrapassagens se dão à medida que o extenso atual se modula a partir da rapidez ou atraso de seus componentes, por suas velocidades e lentidões que colocam em conjunto uma série de singularidades díspares. O acontecimento, assim, é composto de individuações móveis que reagem a partir de sua intensidade. “Sem identidades prévias, sem estabilidades reconhecíveis, apenas individuações móveis, no cruzamento de velocidades e lentidões, e afetos intensivos que lhes correspondem” (SIMONT, 2021, p. 190). O acontecimento faz o virtual mergulhar no atual e, ao mesmo tempo, faz o atual buscar nele a sua potência de individuação como um processo infinito. Ele traça uma linha que não limita nenhuma série, mas que a liberta de si mesma tornando-a ilimitada. O acontecimento é uma grandeza que não encontra limites, grandeza intensiva que se manifesta como fluxo que cresce e decresce infinitamente, “pois trata-se de colocar em evidência um modo de continuidade paradoxal, que não inclui o corte ou a cesura, mas, pelo contrário, implica-a, ou, inversamente, um modo de cesura que não passa de uma repartição do contínuo” (SIMONT, 2021, p. 194). O acontecimento traz consigo um emaranhado heterogêneo que se estende nos termos das mônadas de Leibniz, onde todo o mundo está contido em si. Todas as singularidades se individualizam e se movem no plano de imanência que corta o caos em sua virtualidade e estrai dele o crivo que as atualizam. Por estarem fechadas, elas dão ao mundo a possibilidade de recomeçar em cada mônada.

Se a identidade faz das séries heterogêneas um produto da trapaça de um vagabundo, nos modos de um Deus trapaceiro, o acontecimento as redime uma vez que nele não há mais que

se decidir por alternativas que já pressupõem qual direção cada singularidade irá assumir, já que o acontecimento funciona como livre proliferação. Ao se apelar para a identidade entre os termos nega-se todo o resto que fica de fora dessa limitação como predicados exteriores a este limite. “No caso contrário, se a exclusão não estiver assegurada, se as alternativas ‘ou... ou’ coexistirem ao invés de se expulsarem, é a identidade de partida que seria destruída” (SIMONT, 2021, p. 199). Temos então diante de nós a coexistência de uma alternativa que não precisa ser decidida, bem como todas as bifurcações que surgem a partir daí. Recusar o primado da identidade faz-nos recuperar a potência de uma disjunção que é inclusiva e que nos libera da tentação de escolher um mundo possível como o melhor dos mundos possíveis, trazendo a impossibilidade para mesma cena em que coexistem as determinações divergentes do caos virtual do qual o mundo é um produto. A fórmula do acontecimento exclui a figura da alternativa ao emergir todas as singularidades em uma zona de indiscernibilidade que descortina o jardim das veredas que se bifurcam onde as singularidades habitam em suas direções divergentes, mas indiscerníveis, erráticas e instáveis a se lançarem em todas as direções. Institui-se, assim, um lugar de sobrevoos por todos os componentes em seus traços intensivos que mantêm o caos vivo de forma que possamos tirar dele toda a sua consistência sem furta-lhe a potência que está sempre a explodir em todas as direções.

## Referências

BORGES, Jorge L. “O jardim das veredas que se bifurcam”. In: *Ficções*. São Paulo: Editora Globo, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Vérité et temps, le faussaire*. Cours Vincennes - St Denis, Cours du 29/11/1983, Acesso 07.02.2021, em <https://www.webdeleuze.com/textes/338>

\_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *A lógica do sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

\_\_\_\_\_. “Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese”. In: *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p.p 117-121.

PARA ALÉM DOS MUNDOS COMPOSSÍVEIS: A INCOMPOSSIBILIDADE COMO A REALIDADE DO  
ACONTECIMENTO

CARLOS HENRIQUE MACHADO

\_\_\_\_\_. “O método de dramatização”. In: *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p.p 129-154.

\_\_\_\_\_. *A dobra: Leibniz e o barroco*. São Paulo: Papirus, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é filosofia*. São Paulo: Ed 34, 2007.

LEBLANC, Maurice. *La vie extravagante de Balthazar*. Paris: La Livre de poche. 1979.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Essais de théodicée*. Paris: GF-Flammarion, 1969.

SALES, Alessandro. “Do Sentido como Produção de Sentido em Deleuze”. *Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, Rio de Janeiro, Vol. 8 – nº 2, pp. 33-53, 2º quadrimestre de 2015.

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo: Ed 34, 2020.

SIMONT, Juliette. “Gilles Deleuze, ao encontra a intensidade”. *Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, Rio de Janeiro, Vol. 4, nº 1, pp. 185-218, 2021.

*Data de submissão: 16/07/2023*

*Data de aprovação: 05/01/2024*